

# DICIONÁRIO

---

# Quem é Quem na Museologia Portuguesa

 INSTITUTO  
DE HISTÓRIA  
DA ARTE

 NOVA FCSH  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS

 REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Organização do Património Cultural

## BRANDÃO, D. Domingos de Pinho

Rossas [Arouca], 1920 – Porto, 1988

Filho de Domingos de Pinho Brandão e de D. Luciana Joaquina Martins de Pinho Brandão, foi bispo-auxiliar de Leiria (1967-72) e do Porto (1972-88), professor e investigador, nos domínios da Teologia, História, História de Arte, Arqueologia, Epigrafia, Numismática e Museologia (Fig. 1).

Após a formação no Seminário-Maior do Porto, completou o curso de Teologia na Universidade Gregoriana, em Roma, onde, em 1943, foi ordenado padre na Basílica de São João de Latrão. Regressado a Portugal, foi pároco de Arouca, antes de ser chamado para o Seminário Maior do Porto onde foi perfeito, vice-reitor com exercício efetivo de reitoria e reitor (1956). A 29 de dezembro de 1966, na Sé do Porto, foi sagrado bispo titular de Filaca, tendo sido nomeado bispo auxiliar de Leiria e, em 1972, bispo auxiliar do Porto, cargo pastoral que exerceu até 1988, data de seu falecimento.

No Porto, lecionou no Liceu Alexandre Herculano, nos colégios particulares Araújo Lima e Brotero, nos seminários diocesanos e no Instituto de Serviço Social. Na Universidade do Porto, exerceu atividade docente no Centro de Cultura Clássica, no Centro de Estudos Humanísticos e, depois de ter sido restaurada, em 1961, também na Faculdade de Letras, onde foi regente das cadeiras de Arqueologia, Epigrafia e Numismática. Trabalhou na Ação Católica, sobretudo em contexto universitário. Na Cúria Diocesana do Porto, ocupou os cargos de Promotor da Justiça e de Defensor do Víncu-

lo, integrando a Comissão Diocesana de Arte Sacra e Liturgia.

Foi membro da Academia Nacional de Belas Artes e da Academia Portuguesa da História, onde, em 1984, foi eleito Académico de Mérito. No Centro de Estudos Humanísticos, com Luís de Pina e Adriano Vasco Rodrigues, fundou e dirigiu a revista *Lucerna: Cadernos de Arqueologia* (1961-1987), na qual colaborou assiduamente. Fez parte do corpo redatorial da revista *Museu*, editada pelo Círculo Dr. José de Figueiredo – Amigos do Museu Nacional Soares dos Reis.

A par da função eclesiástica, destacou-se sobretudo como homem da cultura. Deixou ampla produção bibliográfica no âmbito da Arqueologia e, em particular, da epigrafia lusitano-romana (Brandão, 1972). Com Fernando Lanhas (1923-2012), iniciou, em 1965, a publicação regular do “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico” (Brandão e Lanhas, 1965), na *Revista de Etnografia*. No domínio da História da Arte, focou-se no estudo dos retábulos e da talha dourada (Brandão e Smith, 1963; Brandão, 1984), fundamentando-o em aturada pesquisa documental e arquivística e onde se destaca o conjunto de trabalhos sobre a obra de Nicolau Nasoni (Brandão, 1964b, 1964a, 1964c). Estudou a iconografia mariana a partir de imagens da diocese do Porto (Brandão, 1988).

No âmbito da Museologia, fundou e organizou o Museu de Arqueologia e Arte Sacra do Seminário Maior do Porto, inaugurado em 1958, o Museu de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no início da década de 1960, e o Museu Diocesano de Arte Sacra, no período entre 1967-1972.

De todos estes, aquele que melhor define a sua atividade no âmbito da museologia religiosa é o museu do Seminário do Porto. Em 1955, D. Domingos de Pinho Brandão (1955) definia a missão do museu em três vertentes: preservar o património; prestigiar a Igreja e, em particular, servir de complemento prático ao ensino

ministrado no seminário. “O Museu contribuirá para a formação ou educação dos Seminaristas no gosto pela Arte e Arqueologia e pela defesa do património artístico e arqueológico da Igreja” (Brandão, 1955, 416). O museu foi inaugurado a 9 de março de 1958, com uma significativa coleção de arqueologia com peças recolhidas por D. Domingos de Pinho Brandão, onde se incluíam estelas funerárias, aras romanas, bronzes, moedas e medalhas. “Deve-se esta instituição à sua persistente acção, desenvolvida ao longo de três anos de trabalho. É fruto de uma visão cultural e pedagógica de longo alcance e monumento revelador de dinamismo empreendedor de D. Domingos” (Azevedo, 1990, 248). No ato da inauguração, o bispo da diocese, D. António Ferreira Gomes, assumia a missão educativa e catequética do museu de tutela católica: “Instituto Normal do Magistério eclesiástico na Diocese, compete ao Seminário ser um Centro de Cultura e palestra apuradora de conceitos, imagens e formas, bem como de irradiação doutrinal, cultural e social. O Museu situa-se no próprio núcleo destes interesses espirituais” (cit. in Machado, 1998, 5). Ao espólio arqueológico, foi sendo anexada uma importante coleção de escultura religiosa dos séculos XIII-XIX, além dos conjuntos de pintura, iluminura, ourivesaria, alfaias litúrgicas e paramentaria. Embora o museu permitisse visitas sempre que solicitadas, funcionava essencialmente como museu escolar, de acordo com a missão definida pelo fundador.

Foi também diretor do Museu de Arte Sacra (Dias, 2000; Veiga, 2005), instalado no Mosteiro de Arouca, cargo inerente às funções de juiz da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda que ocupou desde 1977 até à data da morte. A Irmandade, reconhecendo a vantagem de serem “expostos ao público os objectos de sumptuosidade e as venerandas relíquias existentes em Arouca” (Vitorino, 1937, 5), havia inaugurado o museu em 1933. D. Domingos de Pinho Brandão manteve a coleção de arte monástica, maioritariamente

te constituída por peças que haviam pertencido à comunidade cisterciense feminina residente no Mosteiro, exposta *in loco*, antecipando as orientações pontifícias que recomendam a ligação dos acervos religiosos aos locais de origem.

Além da participação em congressos nacionais e internacionais, deixou uma extensa obra publicada nos domínios da Arte, Arqueologia, Epigrafia, História e História da Arte. No levantamento bibliográfico efetuado por Araújo e Beça (1988), são registadas 141 entradas; na *Bibliografia para a história da Igreja em Portugal (1961-2000)* (Azevedo 2013), são identificados 62 títulos (entradas de 1185 a 1224).



FIG. 1 D. Domingos de Pinho Brandão, pelo estúdio de fotografia Alvão & C.ª, Sucessor, 1966. Fotografia © Seminário Maior do Porto, Museu de Arte Sacra e Arqueologia.

**BIBLIOGRAFIA**

- ARAÚJO, José Manuel R., e Fernando Manuel Beça. 1988. "Bibliografia de D. Domingos de Pinho Brandão." *Atrium: Revista dos Alunos do Seminário Maior do Porto*, no. 4: 81-94.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira. 1990. "D. Domingos de Pinho Brandão (1920-1988)." *Lusitania Sacra: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, série 2, no. 2: 246-249.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira (ed.) 2013. *Bibliografia Para a História da Igreja em Portugal (1961-2000)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Centro de Estudos de História Religiosa.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1955. "Museu de Arqueologia e Arte no Seminário Maior do Porto." *Lumen: Revista de Cultura do Clero* 19, no. 7: 416-18.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1964a. *A Obra de Nicolau Nasoni no Actual Concelho de Matosinhos*. Porto: Gráfica do Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1964b. *Nicolau Nasoni, Pintor da Igreja da Cumieira*. Porto: Gráfica do Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1964c. *Trabalhos de Nasoni ainda Desconhecidos*. Porto: Gráfica do Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1972. *Epigrafia Romana Coliponense*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1984. *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto: Documentação*. Porto: Gráficos Reunidos.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho. 1988. *Algumas das mais Preciosas e Belas Imagens de Nossa Senhora Existentes na Diocese do Porto*. Porto: Diocese do Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, e Fernando Lanhas. 1965. *Inventário de Objectos e Lugares com Interesse Arqueológico*. Porto: Junta Distrital.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, e Robert C. Smith. 1963. *Alguns Retábulos e Painéis de Igrejas e Capelas do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto; Gabinete de História da Cidade.
- DIAS, Pedro. 2000. *Mosteiro de Arouca*. 2.ª ed. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- MACHADO, Raimundo António de Castro Meireles. 1998. *Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto; Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto.
- VEIGA, Afonso Costa Santos. 2005. *Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- VITORINO, Pedro. 1937. *Mosteiro de Arouca: O Museu*. Figueira da Foz: Tip. Popular.

[M.I.R.]

**MARIA ISABEL ROQUE** doutorada em História, com especialização em Museologia. Professora Auxiliar e Coordenadora Científica de História na Universidade Europeia e Professora Auxiliar na Universidade Católica Portuguesa. Investigadora no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS), Universidade de Évora. Integrou os comissariados das exposições *Encontro de culturas* (Lisboa, 1994; Vaticano, 1996), *Fons vitae* (Pavilhão da Santa Sé na Expo'98) e *500 anos das Misericórdias portuguesas* (Lisboa, 2000), de cujos catálogos foi coeditora e coautora. Integrou o projeto internacional *Thesaurus: vocabulário de objetos do culto católico*. Autora das monografias *Altar cristão: Evolução até à reforma católica* (2004) e *O sagrado no museu: Musealização de objectos do culto católico em contexto português* (2011) e de capítulos de livros e artigos científicos em temas de arte religiosa e museologia. Edita o blogue *a-muse-arte*. Os atuais interesses de investigação incluem História da Arte, Museologia, comunicação no museu, turismo cultural e humanidades digitais.

# DICIONÁRIO

# Quem é Quem na Museologia Portuguesa

## FICHA TÉCNICA

### Título

Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa

### Coordenação Científica e Editorial

Emília Ferreira (MNAC-MC; IHA-FCSH/NOVA)

Joana d'Oliva Monteiro (IHA-FCSH/NOVA)

Raquel Henriques da Silva (IHA-FCSH/NOVA)

### Comissão Científica

Adelaide Duarte (IHA-FCSH/NOVA)

Alexandre Nobre Pais (MNAz)

Ana Carvalho (CIDEHUS-UÉ)

Ana Cristina Martins (IHC-FCSH/NOVA)

Clara Frayão Camacho (DGPC; IHA-FCSH/NOVA)

Duarte Manuel Freitas (CHSC)

Elisabete Pereira (IHC-FCSH/NOVA)

Emília Ferreira (MNAC-MC; IHA-FCSH/NOVA)

Graça Filipe (IHC-FCSH/NOVA)

Helena Barranha (IST-UL; IHA-FCSH/NOVA)

Joana Baião (IHA-FCSH/NOVA)

Joana d'Oliva Monteiro (IHA-FCSH/NOVA)

João Brigola (CIDEHUS-UÉ)

Lúcia Almeida Matos (FBAUP; IHA-FCSH/NOVA)

Maria de Aires Silveira (MNAC-MC)

Marta C. Lourenço (MUHNAC)

Paulo Oliveira Ramos (Uab; IHA/NOVA FCSH)

Raquel Henriques da Silva (IHA-FCSH/NOVA)

Sandra Leandro (UÉ; IHA-FCSH/NOVA)

Revisão de conteúdos

Ana Caeiro

### Design

José Domingues (Undo)

### Edição

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA

e-issn: 978-989-54405-0-4

2019

Projeto editorial desenvolvido no IHA/NOVA FCSH, financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto Estratégico do IHA [UID/00417/2013].

Apoio da Direção-Geral do Património Cultural.

© Autores e Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C

1069-061 Lisboa

www.ihafcs.unl.pt